

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

A MANIFESTAÇÃO DO REINO DE DEUS ATRAVÉS DA AÇÃO DA IGREJA
Uma análise do legado de Jesus de Nazaré.

Gabriela de Brito Silva Araujo de Araujo

Duque de Caxias - RJ

2026

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

A MANIFESTAÇÃO DO REINO DE DEUS ATRAVÉS DA AÇÃO DA IGREJA
Uma análise do legado de Jesus de Nazaré.

Gabriela de Brito Silva Araujo de Araujo

Projeto de pesquisa apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Professor Orientador: Marcos Porto Freitas da Rocha.

Duque de Caxias - RJ

2026

UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO
“PROFESSOR JOSÉ DE SOUZA HERDY”

Gabriela de Brito Silva Araujo de Araujo

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades da Universidade do Grande Rio como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

Trabalho considerado **APROVADO** com nota **89** .

Professor Orientador: Dr. Marcos Porto Freitas da Rocha
UNIGRANRIO

Examinador: Esp. Emílio Sandro Mesquita Peçanha
UNIGRANRIO

Examinador: Dr. Jansen Racco Botelho de Melo
UNIGRANRIO

Duque de Caxias – RJ

2018

AGRADECIMENTOS.

Durante a graduação, fui profundamente impactada pelo conceito de Reino de Deus, de maneira muito mais intensa do que tudo o que até então eu havia compreendido. Por isso, desejo registrar meus agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, Iahweh, na pessoa do Espírito Santo, por ter acendido em mim o desejo de me aprofundar e pesquisar sobre o Reino de Deus. Esse conceito é fundamental para nos mostrar que, como cidadãos de um Reino, precisamos compreender qual é o nosso papel nele, como devemos agradar ao nosso Rei e por que e para que fomos chamados para esse Reino.

Agradeço também a tudo aquilo que se levantou contra o meu precioso tempo, fazendo-me pensar, em vários momentos, que eu não conseguiria chegar ao final deste trabalho. Por vezes, pensei em desistir, mas os problemas e imprevistos — acreditem, foram muitos — não foram mais fortes do que o plano de Deus para a minha caminhada cristã. Eu precisava compreender este tema. As batalhas contra a procrastinação nos apresentam duas possibilidades: a primeira nos mostra que não perseveramos o suficiente e desistimos no meio da tempestade; a segunda nos revela que é possível vencer por meio da determinação e da oração a Deus. Sem essas duas virtudes, não avançamos sequer um centímetro. Agradeço a Deus por eu ter permanecido na segunda opção.

Também quero agradecer ao meu orientador Marcos Porto pela paciência, disponibilidade, conhecimentos compartilhados e pela orientação valiosa. Ele foi um dos que me fez acreditar que mesmo diante das dificuldades eu iria conseguir realizar este trabalho.

Agradeço imensamente pela vida do meu marido, que foi uma ferramenta essencial para que eu compreendesse e colocasse em prática a dinâmica do Reino de Deus.

Agradeço também a alguns colegas — e, mais do que isso, amigos e irmãos que ganhei na faculdade — que, em um momento muito difícil da minha vida, não soltaram a minha mão e me ampararam quando eu não tinha condições para prosseguir. Eles viveram, na prática, ações coerentes com os princípios do Reino de Deus.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, tem como objetivo discutir a verdadeira natureza da obra do Reino de Deus sob a perspectiva cristã, destacando que essa obra vai além das atividades realizadas dentro das instituições religiosas. A pesquisa parte do entendimento de que a obra do Reino é expressa por meio das ações, comportamentos e práticas cotidianas inspiradas nos ensinamentos de Jesus Cristo, refletindo a presença do Reino de Deus na vida dos cristãos. A partir da declaração de Jesus de que “o Reino de Deus está entre vós”, busca-se compreender o significado do trabalho e da dinâmica desse Reino, e da realização das obras que correspondam aos seus princípios. O estudo também propõe uma reflexão crítica sobre a concepção limitada de muitos cristãos, que associam a obra de Deus exclusivamente às tarefas desempenhadas no templo, como participação em cultos, ministérios e atividades organizacionais da igreja. Dessa forma, o trabalho defende que a atuação no Reino de Deus é mais ampla e se manifesta principalmente na vivência prática da fé, no compromisso com os valores cristãos e na transformação da sociedade por meio das atitudes individuais.

Palavra-chave: Reino de Deus; Jesus; Cristianismo; Igreja

ABSTRACT

This final course paper aims to discuss the true nature of the work of the Kingdom of God from a Christian perspective, highlighting that this work goes beyond the activities carried out within religious institutions. The research starts from the understanding that the work of the Kingdom is expressed through actions, behaviors, and daily practices inspired by the teachings of Jesus Christ, reflecting the presence of the Kingdom of God in the lives of Christians. Based on Jesus' declaration that "the Kingdom of God is among you," the study seeks to understand the meaning of the work and dynamics of this Kingdom, and the performance of works that correspond to its principles. The study also proposes a critical reflection on the limited conception of many Christians, who associate the work of God exclusively with tasks performed in the temple, such as participation in worship services, ministries, and organizational activities of the church. Thus, the work argues that action in the Kingdom of God is broader and manifests itself mainly in the practical experience of faith, in commitment to Christian values, and in the transformation of society through individual attitudes.

Keywords: Kingdom of God; Jesus; Christianity; Church

Introdução.

A escolha deste tema surge da necessidade de compreender, de maneira teológica e prática, o papel do cristão e da cristã quando se convertem ao Cristianismo e passam a viver sob o senhorio de Cristo. A ausência de uma compreensão sólida sobre essa nova realidade de vida em Jesus de Nazaré gera inquietações e lacunas na vivência da fé. Ser cristão ou cristã, contudo, ultrapassa a participação em cultos semanais, a mudança de hábitos ou o cumprimento de obrigações religiosas. A experiência do Evangelho transcende a esfera institucional e alcança todas as dimensões da existência humana, manifestando-se na vida pessoal, comunitária, territorial e social.

A reflexão sobre o Reino de Deus é central para a compreensão da missão cristã e do papel histórico da Igreja. Desde os Evangelhos, observa-se que Jesus proclamou um Reino que não se restringe ao futuro escatológico, mas que já se manifesta no presente por meio de gestos concretos de justiça, misericórdia e reconciliação. Essa realidade desafia a Igreja contemporânea a ser não apenas uma instituição religiosa, mas uma comunidade que vive e anuncia o Reino em todas as esferas da sociedade.

No contexto atual, marcado por desigualdades sociais, individualismo e perda de valores comunitários, torna-se urgente repensar a atuação da Igreja como sinal visível do Reino de Deus. Tal reflexão não se limita à dimensão espiritual, mas se estende às práticas sociais e territoriais, evidenciando que a presença do Reino deve transformar não apenas o coração humano, mas também os ambientes e estruturas onde o ser humano vive e se relaciona.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar, à luz das Escrituras, o conceito de Reino de Deus conforme o ensinamento e a prática de Jesus de Nazaré; avaliar de que forma a teologia sistemática fundamenta a missão da Igreja na promoção do Reino de Deus em contextos sociais e territoriais contemporâneos; e ampliar o entendimento sobre a atuação da Igreja na manifestação prática desse Reino.

Para alcançar esses objetivos, o trabalho está estruturado em três tópicos, além da introdução e da conclusão. O primeiro tópico aborda o fundamento bíblico e teológico do Reino de Deus, destacando sua centralidade na mensagem e na prática de Jesus de Nazaré. O segundo tópico trata da missão da Igreja como expressão visível do Reino, analisando sua responsabilidade espiritual e social na história. O terceiro tópico examina as dimensões territoriais e sociais nas quais a Igreja atua, refletindo sobre como o Reino de Deus se manifesta concretamente nos espaços e relações humanas. Por fim, a conclusão retoma as principais reflexões desenvolvidas, evidenciando a relevância de uma vivência eclesial que una fé, missão e transformação social.

O fundamento bíblico e teológico do Reino de Deus.

Em toda a Bíblia se encontra a menção sobre o Reino de Deus. Desde o Antigo testamento passando pelos Salmos e profetas, até chegar no Novo Testamento, O Reino de Deus já era esperado pelo povo judeu como diz Pagola, “O Reino de Deus não era uma especulação de Jesus”¹, contudo, a expressão Reino de Deus era pouco usada e foi Jesus quem regularizou o uso deste termo mencionando-o frequentemente para expressar aquilo em que acreditava.

Os judeus formaram um povo gratuitamente eleito por Iahweh através da aliança que Ele fez com Abraão; este povo viveu experiências sobrenaturais com Deus e tinha grande confiança e fê nele. Para eles tudo estava no controle e no poder de Deus. Ele é soberano e absoluto sobre todos os deuses e reis. Israel sentia-se seguro nas mãos de Deus; Jesus O Deus Filho nasceu, cresceu e aprendeu sobre toda a cultura dos judeus, sendo assim, ele também passou a ter a mesma relação com O Deus Pai. Este povo foi liberto da escravidão e opressão do Egito. Diante de tanto sofrimento, opressão, injustiça e escravidão, Israel que foi liberto do Egito e depois voltou à mesma situação na Babilônia até nos dias em que Roma dominou tudo, já não aguentava mais viver sem direitos e sem paz como um povo que pertencia ao Deus todo-poderoso e foram feitos livres para viverem uma vida digna e plena na condução Divina.

Dentre os Salmos pode-se destacar o Salmo 47 que fala do triunfo do Reino de Deus, o Salmo 93 que declara o poder e a majestade do Reino de Deus e o Salmo 99 que fala da grandeza do Reino de Deus. Já entre os profetas, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel tem maior relevância sobre o tema do Reino de Deus².

Em Isaías 9:1-7 relata o advento e o poder do Messias com destaque no verso 6 que diz: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”. Também se encontra menção do Reino de Deus nos capítulos 11 e 35 de Isaías.

O profeta Jeremias menciona brevemente o Reino Messiânico no capítulo 23 versos 5 e 6 onde aponta que após Israel ter tido vários reis iníquos, a vinda de um rei ideal acontecerá e este Rei governará com sabedoria e fará o que é justo e certo na terra.

O Livro do profeta Ezequiel apresenta uma contribuição para a universalidade do Reino de Deus e seu poder de trazer vida por onde passar. Suas visões são de uma profundidade ímpar.

¹ PAGOLA, José Antônio. **Jesus aproximação histórica**. Tradução de Gentil Avelino Titton. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 116.

² Bíblia Nova Versão Transformadora – NVT. Única versão utilizada para leitura dos textos bíblicos citados neste artigo.

Na passagem do capítulo 1 versos 25 a 28, após ter profetizado o juízo sobre a nação, o profeta Ezequiel tem uma visão sobrenatural. Nesta visão ele não define ter visto Yahweh, mas fica ao leitor, a sugestão de ele ter visto O Cristo que haveria de vir com misericórdia. No Capítulo 34 temos a promessa de uma clara referência ao Ministério do Messias como o bom pastor de suas ovelhas. Sobre o capítulo 47 há também o entendimento referente ao Reino de Deus:

A referência às águas do rio que saem do templo em direção ao mar morto é uma referência às nações que serão alcançadas pelo Evangelho do Reino de Deus. Não é uma referência à igreja, mas ao Reino de Deus que é proclamado até os confins da terra. Onde o Reino de Deus chega, chegam também as bênçãos do Reino que o tornam uma realidade presente. As bênçãos das águas produzirão vida.³

O livro do profeta Daniel tem maior contribuição para a compreensão do Reino de Deus no Antigo Testamento. A soberania de Deus descrita pelo profeta serve de base para a soberania dos governos humanos e apresenta a necessidade de que tais governos reconheçam que sua autoridade é derivada da soberania do Eterno. No livro de Daniel, o conceito do Reino de Deus adquire novos contornos e desdobramentos teológicos. Entre eles destacam-se a manifestação da soberania divina, a relação com os governos humanos, a transformação do paradigma do Reino e sua dimensão escatológica.

O sonho do rei Nabucodonosor com uma magnífica e enorme estátua dividida em partes e composta por vários metais, que foi interpretado por Daniel como a sucessão de reinos após a Babilônia, mostra que estes reinos seriam destruídos quando uma pedra cortada sem mãos aparece esmiuçando esses reinos. Logo após, a pedra se transforma num monte que encheu toda a terra. Essa pedra cortada sem mãos é uma referência ao Reino de Deus que será estabelecido para sempre (Daniel 2:44); o único e eterno Reino.⁴

Como já dito acima, o povo que era escravizado no Egito e foi libertado por Deus através da vida de Moisés, recebeu a incumbência de serem sacerdotes do Reino de Deus (Êxodo 19:5, 6), porém este povo não entendeu o Reino de Deus e que este já era o seu Rei.

Ao ser liberto do Egito e da sua escravidão, Israel começou a se comparar com outros povos observando que havia reis que governavam os povos vizinhos, desejaram um rei para lhes governar e foram até Samuel pedir que lhes instituísse um rei (Samuel 8:4-20).

Esse Deus grande, senhor de todos os povos, é rei de Israel de uma maneira muito especial. Ele os tirou da escravidão do Egito e os conduziu através do deserto para a terra prometida. O povo o sentia como seu “libertador”, seu “pastor” e seu “pai”, porque havia experimentado seu amor protetor e seus cuidados. No começo não o chamavam “rei”. Mas, quando foi estabelecida a monarquia e Israel teve, como outros povos, seu próprio rei, sentiu-se a necessidade de recordar

³ ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a missão da igreja**. A.D. Santos Editora, Curitiba, 2018. p.200

⁴ Ibid., p.202

que o único rei de Israel era Deus. Portanto, o rei que governasse seu povo só podia fazê-lo em seu nome e obedecendo à sua vontade.⁵

Saul foi o primeiro rei sobre Israel. De Saul até Herodes, o último rei antes do nascimento de Jesus, Israel foi governado na maioria das vezes, por homens falhos que levou o povo a pecar contra Deus, este povo sem perceber havia voltado à escravidão de reis malfeitores.

Chegando ao Novo Testamento, o Reino de Deus começa a ser pronunciado por João Batista que foi profetizado pelo profeta Isaías como aquele que iria preparar o caminho para a chegada do Messias (Isaías 40:3; Mateus 3:3). Seu anúncio era um chamado que convidava as pessoas ao arrependimento para fazerem parte do novo Reino.

Quando Jesus de Nazaré, o Deus que sofreu a Kénosis (Filipenses 2:5-8) habitou entre nós e iniciou o seu ministério (Lucas 3:23), Ele disse: “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus!” (Mateus 4:17). A chegada do Reino de Deus na pessoa de Jesus de Nazaré, é o modelo de vida que a humanidade precisava seguir para ter paz com Deus.

Jesus Cristo, para a fé cristã, é o protótipo do humano, o modelo do que significa ser humano. É alguém plenamente aberto a Deus e aos seres humanos, alguém que vive intensamente e com toda a radicalidade o amor-serviço. Alguém que vive uma liberdade plenamente adulta, como um serviço real, especialmente em relação aos mais fracos e marginalizados; alguém que vive uma intensa, profunda e única experiência de Deus; alguém que se entrega pelos outros até as últimas consequências. Para ser realmente humano, segundo a fé cristã, o homem deverá seguir o caminho percorrido por Jesus Cristo, vivendo a existência da “nova criatura”. O homem verdadeiro – e o Deus verdadeiro – é revelado na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.⁶

As formas de vida das pessoas no tempo de Jesus, eram consideradas pecaminosas, ofensivas à santidade de Yahweh e “cheirava mau às suas narinas”. Deus não suportava mais ver a degradação da humanidade. Os governantes, os líderes religiosos e os ricos, marginalizavam pobres, viúvas, órfãos, leprosos e deficientes. Tinham olhar de desprezo e os excluía da sociedade. A humanidade se perdeu e se distanciou do propósito da criação. Tudo que Deus criou era bom e harmonioso; o homem tinha um relacionamento de comunhão direta, íntima e sem barreiras com Deus. A obediência do homem mantinha essa proximidade, uma conexão de honra e louvor; também se relacionava bem consigo mesmo, entendia a sua importância e o amor que Deus tinha por ele; com o outro, havia respeito, igualdade, empatia e identificação e com a natureza de um modo geral, o cuidado, o cultivo e a preservação; mas o pecado rompeu todas essas relações ao criar uma separação entre Deus e a humanidade.

O Reino de Deus emerge na pessoa de Jesus com o propósito de restaurar essa comunhão outrora destruída. O Evangelho de Lucas relata Jesus na Sinagoga num dia de sábado como era de costume. Ele se levanta para fazer a leitura e lhe entregam o rolo do profeta Isaia onde lê:

⁵ PAGOLA, José Antônio. **Jesus aproximação histórica**, p. 117.

⁶ RUBIO, Afonso García. **Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**, p.67

“O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que meu ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, apregoar liberdade aos cativos, dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor”. (Lucas 4:18, 19).

A afirmativa de Jesus após a leitura deste trecho de Isaías é que naquele dia – “hoje se cumpriu esta escritura em vossos ouvidos” (v.21) – a esperança dos Judeus se concretizava.

Segundo Morris, a expressão taxativa de Jesus “hoje” tinha muito sentido para os judeus de sua época, pois “os contemporâneos de Jesus não duvidavam que o Reino de Deus viria algum dia. O ensino de Jesus era diferente, sendo que via Deus agindo no presente, na obra dEle mesmo”. Basicamente Jesus estava dizendo: “a espera acabou! Aquilo que vocês têm esperado e desejado por todos esses anos está aqui, em pé diante de vocês”. Com essa afirmação Jesus declara ser o “Mensageiro das Boas Novas” profetizado por Isaías.⁷

Jesus veio e viveu aqui para mudar a história da humanidade, pela Paixão e Amor que nutria pelo Reino de Deus onde associa o Criador com a vida.

A missão da Igreja como expressão visível do Reino – analisando sua responsabilidade espiritual e social na história.

Para falar da missão da igreja na promoção do Reino de Deus é importante passar pela reflexão do pecado e do arrependimento proclamado por João Batista – a voz que clamava no deserto preparando o caminho do Salvador.

A humanidade está unida objetiva e subjetivamente a Adão pelo pecado. O pecado é o que separa o ser humano de Deus; é o que o deixa em extrema solidão mesmo estando cercado de pessoas. Adão cometeu o primeiro pecado e teve em seu íntimo uma nova forma de ver o mundo e tudo à sua volta. Entrou na personalidade adâmica o ego, a ambição, a vaidade entre outros. Em Gálatas 5:19-21 encontramos as obras da carne, derivadas da natureza humana decaída. O que esses adjetivos em sua negatividade instigam o homem a buscar não é por meio das bênçãos divinas pois Deus não compactua com a vontade pecaminosa do homem, por isso o homem busca suas conquistas pelos seus próprios meios e por muitas vezes passando por cima de outros seres humanos.

Uma vez rompido o relacionamento da humanidade com Deus e entre os seres humanos, somente Cristo torna possível de volta a comunhão do homem com Deus. A pessoa que através de Cristo volta a se relacionar com Deus também tem restaurada a comunhão com os outros seres humanos. Dietrich Bonhoeffer diz:

Em Cristo, a humanidade é inserida de modo real na comunhão com Deus, ... A nova humanidade é toda concentrada em um único lugar histórico, em Jesus Cristo, e somente nele ela é

⁷ MORRIS *apud* ROJAHN, 2018, p.116

compreendida como totalidade; pois, nele, como fundamento e corpo da construção de sua comunidade, efetua-se e realiza-se completamente a obra de Deus.⁸

Surge repentinamente João Batista no deserto sem preparo como os doutores da lei, pois o próprio Deus o preparou. João Batista em seu discurso faz um alerta e um apelo para que o povo se arrependa dos seus pecados para a chegada do Reino de Deus. João aponta a chegada de um Reino nos moldes humanos, e que ele mesmo acreditava que seria estabelecido com a chegada do Messias. João cumpriu o seu papel de arauto do Senhor. Sua intrepidez ao anunciar a iminente chegada do Reino de Deus fez com que ele fosse interrogado pelos fariseus a respeito de quem ele seria: João respondeu com as palavras do profeta Isaías: "Eu sou uma voz que clama no deserto: 'Preparem o caminho para a vinda do Senhor!'" (João 1:23). Quando estava preso João mandou seus discípulos perguntarem a Jesus se ele era mesmo o Messias que tanto era aguardado. Tal questionamento surge porque Jesus não correspondia à expectativa do povo que aguardava um Messias guerreiro e político.

O arrependimento no novo testamento não sugere apenas um remorso ou tristeza profunda por algum erro cometido, mas a palavra arrependimento traduzida do grego *Metanoia*, exige uma mudança radical da mente e do coração do homem e da mulher. É algo que será demonstrado no dia a dia da pessoa, suas atitudes, ações e motivações diante da sociedade. Acredita-se inicialmente que uma pessoa que entrega a sua vida para Cristo, está arrependida de viver de forma pecaminosa, distante de Deus e de Seu propósito para a humanidade.

No livro praticando o caminho de John Mark Comer, o autor descreve um problema sobre os cristãos em seu país: "cerca de 63% dos estadunidenses se identificam como cristão, mas várias pesquisas estimam que o número de estadunidenses que seguem Jesus é de cerca de 4%".⁹

Jesus disse em seus ensinamentos que quem quisesse segui-lo, deveria negar sua vontade e se tornar um aprendiz no Caminho.

O problema é que, no Ocidente, criamos um ambiente cultural no qual você pode ser cristão sem ser um aprendiz de Jesus. Grande parte da pregação do evangelho hoje não chama as pessoas para uma vida de discipulado. Seguir Jesus é visto como opcional – um "caminho extra" pós-conversão para aqueles que querem ir mais longe. Tragicamente, isso criou uma igreja de dois níveis onde um grande número de pessoas crê em Deus e até frequentam regularmente a igreja, mas não reestruturaram sua vida diária com base em seu status de aprendiz de Jesus.¹⁰ Essa é uma ideia que não se encontra nos escritos do Novo Testamento. No design literário dos evangelhos, por

⁸ BONHOEFFER, Dietrich. **A comunhão dos Santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja**; [traduzido por] Nélcio Schneider. - São Leopoldo: Sinodal: EST, 2017

⁹ COMER, John Mark. **Praticando o caminho**. Tradução Elissamai Bauleo. - 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025, p. 31.

¹⁰ No livro o autor explica em nota o seguinte: Exemplo: a maioria das igrejas tem uma declaração de fé que os membros devem acatar, mas poucas têm uma declaração de ética que exige que os membros sigam o Sermão do Monte ou uma Regra de Vida concreta que os leve, por exemplo, a organizar seus dias em torno da oração.

exemplo, encontramos com frequência dois grupos: os aprendizes e as multidões. O grupo dos aprendizes incluía todos os seguidores de Jesus – os doze apóstolos, mas também muitos outros, incluindo mulheres. As multidões eram simplesmente as demais pessoas. Não existe uma terceira categoria de “cristãos”, que geralmente concordam com a boa parte do que Jesus estava dizendo, mas que não o seguem nem fazem uma tentativa séria de obedecer a seus ensinamentos... Essa nítida divisão entre aprendizes e multidões é um artifício retórico usado por todos os quatro biógrafos de Jesus. A ambiguidade do termo multidões é intencional. É uma forma de dizer o leitor: em qual grupo você está? Você é um rosto na multidão ou um aprendiz de Jesus?¹¹

Certo dia, os fariseus perguntaram a Jesus: "Quando virá o reino de Deus?". Jesus respondeu: "O reino de Deus não é detectado por sinais visíveis. Não se poderá dizer: ‘Está aqui!’ ou ‘Está ali!’, pois o reino de Deus já está entre vocês" (Lucas 17:20, 21).

O Reino de Deus não vem com visível aparência, castelos, tronos, reis e fortalezas, Ele está no coração do homem e da mulher, da criança e do idoso que obedecem e tem Jesus como o Rei dos reis e Senhor dos senhores. Pagola diz que “não se deve pensar numa vinda visível, espetacular ou cósmica do Reino de Deus. É preciso aprender a captar sua presença e seu senhorio de outra maneira, porque “o Reino de Deus está entre vós”¹².

Embora o Reino apresentado por Jesus não é de visível aparência, podemos ver sua dinâmica no meio da humanidade; nas atitudes daqueles que já fazem parte deste Reino.

Poucas são as pessoas que estão dispostas a subtraírem seus recursos fazendo doações para suprirem as necessidades do próximo. Há pessoas famintas que nos cercam; pessoas que dormem nas calçadas e praças da cidade; pobres que não tem condições de se divertirem; viúvas que perderam o chão e não sabem como recomeçar a vida; órfãos sem acolhimento; grupos marginalizados e discriminados pela sociedade que não se acham dignos de chegarem perto de Deus, eles acabam formando a sua própria igreja porque as igrejas que existem não abrem as portas para estas pessoas. Adolphe Guichê diz na introdução do livro, *O Cristo*, “que não se trata simplesmente de ser o guardião de um templo, mais de abrir suas portas, a quem a ele acorrer com suas próprias questões”¹³.

O cristão que vive desassociado é aquele que se preocupa tanto com a vida após a morte que esquece de agir no presente. Acredita que, por ser do céu, não precisa se envolver com a terra, apesar do chamado bíblico para fazerem a diferença no mundo¹⁴, não se sente compelido a agir para transformar essa realidade, falhando em praticar a fé em ação (Tiago 2:14-18). Para

¹¹ Ibid., p. 32.

¹² PAGOLA, José Antônio. **Jesus aproximação histórica**, p. 122.

¹³ GESCHÉ, Adolphe. **O Cristo**. Tradução Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 6.

¹⁴ Mateus 5:13-16: "Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o sabor, para que servirá? É possível torná-lo salgado outra vez? Será jogado fora e pisado pelos que passam, pois já não serve para nada. "Vocês são a luz do mundo. É impossível esconder uma cidade construída no alto de um monte. Não faz sentido acender uma lâmpada e depois colocá-la sob um cesto. Pelo contrário, ela é colocada num pedestal, de onde ilumina todos que estão na casa. Da mesma forma, suas boas obras devem brilhar, para que todos as vejam e louvem seu Pai, que está no céu."

estes, a fé é reduzida a um assunto estritamente pessoal e privado, que acontece apenas dentro da igreja, não influenciando suas ações na política, economia, no trabalho ou nas relações comunitárias. É uma falta de compromisso com a ética cristã, onde o fiel se acomoda em sua zona de conforto e não denuncia o mal, contaminando a igreja com a doença da omissão, o que demonstra uma vida distante de Deus.

É necessário que o indivíduo se volte para Deus reconhecendo que Jesus é o modelo de ser humano ideal e nos deixou ensinamentos que devemos seguir. Não se trata apenas de adotar um novo estilo de vida alicerçado nos dogmas e doutrinas eclesiais que organizam a comunidade cristã com um estereótipo de roupas longas, lugares que não devem frequentar e mudanças no linguajar, onde muitos acreditam que isso é o que chamam de santificação e dizem estar andando na contramão do mundo.

Alguns discursos sobre o chamado de Deus na vida das pessoas, dizem que se alguém foi resgatado do pecado e agora está no caminho que é Cristo, este deve fazer a obra, como por exemplo diversos trabalhos que são realizados dentro do templo.

A maioria dos cristãos fazem parte de uma comunidade de fé e isso é bom e bíblico conforme orientado em Hebreus 10: 24-25. É importante contribuir com todas as necessidades do local de reunião para culto a Deus, porém o problema está em enfatizar uma grandeza nestas atividades e ensinar menos sobre as atividades do Reino de Deus fora do templo.

Os trabalhos realizados dentro dos templos não devem ser supervalorizados com esforços para atrair não cristãos, estes estão do lado de fora sentindo-se indignos de estarem no local onde só tem pessoas santas. A igreja (Ekklesia) foi chamada para fora, para pregar as boas novas. No livro de Isaías o profeta se refere com grande louvor ao mensageiro que corre com sandálias não confortáveis nos pés para levar as boas novas de vitória para a cidade: Como são belos sobre os montes os pés do mensageiro que traz boas-novas, boas-novas de paz e salvação, de que o Deus de Israel reina! Os vigias gritam e cantam de alegria, pois, com os próprios olhos, veem o Senhor voltar a Sião (Is. 52:7-8).

Há uma grande preocupação e necessidade de que os cristãos se posicionem genuinamente como os seguidores do Caminho, com a mesma preocupação e necessidade que fez Deus passar pela Kénosis e se tornar um de nós na pessoa de Jesus. Esta preocupação deve ser coletiva da Igreja de Cristo, para atuar na extinção do sofrimento da humanidade. As pessoas que passaram pela experiência do encontro com O Verbo – Jesus, não devem e não conseguem ignorar os problemas sociais que as cercam.

Tem, portanto, diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado

pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do pecado, mas libertado pela Cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização.¹⁵

Um entendimento amplo sobre o trabalho que a igreja do Senhor Jesus deve realizar nas dimensões territoriais e sociais.

Para que a igreja realize o trabalho do Reino de Deus enquanto estiver aqui na terra, ela deve primeiramente derrubar todos os muros que durante toda a sua existência foram construídos nas relações humanas. Uma ação imperativa é atribuída à igreja e podemos ler em Marcos 16:15: “Jesus lhes disse: Vão ao mundo inteiro e anunciem as boas-novas a todos. E em Mateus 28:19,20: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinem esses novos discípulos a obedecerem a todas as ordens que eu lhes dei. E lembrem-se disto: estou sempre com vocês, até o fim dos tempos

Jesus deixou um legado de curas, justiça, libertação e misericórdia; deu vista a cegos, restituiu o direito de ir e vir dos coxos, trouxe libertação aos cativos, ressuscitou mortos e alimentou multidões famintas, acolheu viúvas e estrangeiros. Tudo isso movido de íntima e profunda compaixão pelos vulneráveis. “Ele ainda disse que aquele que crê nele também fará as obras que ele fez e fará obras maiores do que as que ele realizou, porque ele iria para o Pai” (João 14:12).

Jesus não fundou uma religião para quem quisesse segui-lo, não construiu e nem estabeleceu um local próprio para culto e adoração, não ordenou uma hierarquia eclesiástica, nem impôs rituais, liturgias ou batizou os que iam até ele para lhe pedir algo, sobre o templo, ele mesmo disse que iria edificar um em três dias (João 2:19-21; Marcos 14:58), nada disto aconteceu por iniciativa de Jesus. Embora Jesus não tenha fundado o Cristianismo, seus primeiros seguidores por volta dos séculos II e III começaram a se reunir e se organizar mais como uma religião do que como um grupo que tornava o Evangelho presente na sociedade.

A humanização de Deus não teve o propósito de iniciar uma comunidade cristã ou uma religião. As Boas Novas anunciadas por Jesus tinham o propósito de ensinar e impulsionar seus seguidores a praticarem as boas obras que ele mostrou. Jesus confrontava e vivia em constante conflito com o sinédrio, a religião e seus líderes.

¹⁵ <https://www.puc-campinas.edu.br/wp-content/uploads/2016/03/NFC-Constituicao-Pastoral-gaudium-et-spes.pdf>

A religião divide as pessoas e até promove intolerância e enfrentamento entre elas. Judeus e samaritanos eram religiosos, divididos e inimigos. As pessoas creem naquilo que criam sobre Deus, um Deus inescrutável, transcendente e inalcançável pela compreensão humana. Para sua satisfação, o homem reduziu Deus a coisas que trazem uma falsa tranquilidade e conforto de alma.

O Reino de Deus apresentado por Jesus incomodou a elite da sociedade e os religiosos, pois colocava todos os seres humanos em igualdade perante Deus. Sabemos por intermédio das Escrituras Sagradas que o templo em Jerusalém era a maior fonte de renda da cidade. A história também mostra que a Igreja Católica Romana detinha todo o poder sobre a sociedade e grande influência sobre os reis. A fé era comercializada e devido à corrupção e opulência do alto clero, somada a ignorância e analfabetismo do povo, isso era facilmente praticado. A igreja mantinha o poder pelo medo que impunha às pessoas sobre o inferno e com isso vendia perdão e salvação com um lugar no céu. A igreja também exercia a função de arrecadar impostos pois havia a grande junção igreja-estado. O clero durante o século III em diante se achava privilegiado em relação aos outros cristãos (plebe). Sobre isto José Maria Castillo diz:

Naqueles séculos, o clero recebeu privilégios imperiais que sequer poderíamos imaginar; a ponto de bispos, por exemplo, serem considerados *ilustri*, praticamente equiparados aos senadores. Era um privilégio tão importante, que as leis da Igreja se converteram muitas vezes em leis do Império. Basta pensar que o próprio Constantino já recompensava o clero cristão com privilégios; já eram eles (e não o cristão mediano) os especialistas em rituais; eram eles os que sabiam levar a cabo o “culto do santo e celestial poder”.¹⁶

O clero se achava os únicos dignos de um relacionamento com Deus. A palavra clero significa sorte, sorte de quem é especial com Deus. Castillo diz que “os ricos e os poderosos eram os que possuíam dignidade para atuarem no episcopado e que Ambrósio no ano 374 foi eleito e consagrado bispo de Milão quando ainda era catecúmeno”.¹⁷

Com a entrada da riqueza e do poder dentro da igreja, a religião foi se afastando cada vez mais do Evangelho.

Como nos dias de Jesus, a igreja hodiernamente está cheia de líderes apontando o pecado sem ao menos tentar se aproximar da pessoa e lhe estender a mão para cuidar da sua alma. Eles pregam discursos moralistas que priorizam tratar o externo, corpo (aparência) antes de acessarem o interior do pecador (coração). “Evidentemente, o sistema moral está unido e baseado no sistema teológico. A teologia ensaia os princípios, a moral contém suas aplicações”.¹⁸ Hoje temos um protestantismo mais preocupado com a questão moral, não que

¹⁶ CASTILLO, José Maria. **Declínio da religião e futuro do Evangelho**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024, p. 95.

¹⁷ Ibid., p. 100.

¹⁸ FANFANI apud SOUZA, Nilson Levi Zalewski de, 2007, p. 47.

isto não seja relevante e importante para a comunidade cristã, mais a igreja está deixando de lado a indelével doutrina de Jesus de Nazaré. Não podemos estigmatizar e condenar socialmente as pessoas que não estão de acordo momentâneo com o Evangelho inviabilizando a transformação, impondo uma característica degradante que causa exclusão ou preconceito a uma parte minoritária da sociedade sem antes ser oferecida a oportunidade do perdão e do discipulado.

A igreja dos cristãos tem como papel fundamental abraçar e receber todo tipo de pecador sem fazer pré-julgamento de suas vidas. É primordial ouvir as pessoas, suas queixas, sofrimentos e dores; buscar proximidade estendendo as mãos para levantar o homem caído. Pagola diz que “Deus não se põe contra os pecadores; põe-se a favor dos que sofrem por causa do mal; o reino de Deus consiste em libertar a todos de tudo que os impede de viver de forma digna e feliz”¹⁹.

O Evangelho é proclamatório, tem ação através da Palavra falada, pregada e ensinada; ele restaura o pecador, convida o ser humano a nascer de novo vivendo uma grande transformação de conduta e caráter. Essas pessoas precisam ter o sentimento de pertencimento como filhos de Deus e que elas são aceitas para também fazerem parte do Reino de Deus. Há muitas pessoas que desejam ser redimidas, elas só precisam ouvir a fiel e profunda Palavra que a teologia feita com seriedade se dedica a pregar; a igreja precisa está familiarizada com essa teologia.

A teologia é o curvar-se sob o conhecimento coerente e ordenado da palavra de Deus em seu contexto e em sua figura singular sob a orientação dos credos e da igreja. Ela está a serviço da pregação íntegra da palavra na comunidade e da edificação da comunidade de acordo com a palavra de Deus [...] A fé vem somente da pregação da palavra de Deus, ela não necessita de teologia, mas a pregação correta precisa do credo e da teologia.²⁰

Só há o encontro com Jesus através da prática do amor da igreja para com o próximo. A comunidade cristã deve ser acolhedora, hospitaleira, ela não está aqui para oprimir e separar as pessoas, mas para conduzi-las ao Reino de Deus. Muitos acabam achando que só podem frequentar uma igreja após passarem por uma transformação de conduta; os cristãos não são santos porque frequentam uma igreja, mas, por não se moldarem ao mundo corrompido. Leonardo Boff diz que “o mundo é o lugar da realização histórica do Reino, ele está atualmente decadente pelo pecado”²¹, porém não podemos marginalizá-lo com a premissa de nos afastarmos dele, mas enxergar este campo como o lugar de atuação da Igreja na esperança da transformação da sociedade.

Cumpre articular numa ordem correta estes três termos. Primeiro vem o Reino como a primeira e última realidade, englobando todas as demais. Depois vem o mundo como o espaço da

¹⁹ PAGOLA, *op. cit.*, p. 126

²⁰ BONHOEFFER apud DULCI, Pedro Lucas, 2017, p. 159.

²¹ BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 26

historificação do Reino e de realização da própria Igreja. Por fim vem a Igreja como realização antecipatória e sacramental do Reino dentro do mundo e mediação para que o Reino se antecipe mais densamente no mundo. A aproximação demasiada da realidade da Igreja ou até a identificação com o Reino faz emergir uma imagem eclesial abstrata, idealista, espiritualizante e indiferente à trama da história. Por outro lado, uma identificação da Igreja com o mundo projeta uma imagem eclesial secularizada, mundana, disputando o poder entre outros poderes deste século²².

A Igreja deve seguir o exemplo dos profetas do Antigo Testamento que denunciavam as injustiças sociais, e sair das instalações internas para avançar às ruas e comunidades estando mais ativa nas necessidades da localidade, sendo aliada a uma teologia pública que dialogue com a cultura, a sociedade e o Estado, promovendo o bem comum e a cidadania em contextos plurais sendo capaz de responder a questões que qualquer ser humano enfrenta, pressionando o Estado para criar políticas públicas e cuidar das pessoas.

Toda a vida humana é sagrada em sua natureza no que se refere ao Criador e não na sua funcionalidade na sociedade. As pessoas são instrumentos de serviço da igreja, manifestando fé e compaixão em nome de Jesus. A seguir, Maurício Cunha nos apresenta uma definição conceitual desenvolvida do serviço social baseada na dignidade humana e na ética do Reino de Deus:

Temos nisso um firme fundamento para ação humanitária cristã e para o serviço incondicional. Não servimos para que haja adesão à fé, mas simplesmente porque as pessoas são objeto do nosso serviço e compaixão, em nome de Deus. Os resultados em termos de conversões ou adesões à fé são uma consequência do nosso serviço e testemunho, fruto da ação do Espírito Santo, mas não devem ser o objetivo final de uma intervenção social, com raras exceções, como em alguns contextos transculturais de limitação da liberdade de evangelização, por exemplo. A cosmovisão cristã nos traz a noção da igualdade de valor e de dignidade entre as pessoas, refutando as teses de superioridade racial. Nas escrituras sagradas não há nenhuma evidência dessas teses em nível da natureza essencial do ser humano, e o cristão comprometido com a ética e os valores do Reino deve combatê-la fortemente, reconhecendo as como resultado da opressão, do pecado e da tentativa de dominação do homem pelo homem.²³

A Igreja de Jesus Cristo tem feito as obras que Jesus fez? Com honestidade devemos nos preocupar com o problema que reside dentro da igreja, problema este que é constitucional e não moral. O maior problema da igreja talvez não seja apenas a preocupação com o pecado de seus membros, mas o fato de sua estrutura, prioridades e modo de existir terem se afastado da missão original de Jesus. A própria forma como a igreja se organizou e compreende sua missão estaria desalinhada com o modelo de Jesus. É preciso voltar ao modelo dos primeiros cristãos.²⁴

²² Ibidem,

²³ CUNHA, Mauricio. **O Reino de Deus e a transformação social: fundamentos, princípios e ferramentas**. Viçosa, MG: Ultimato, 2018, p. 56.

²⁴ Em Atos dos Apóstolos no capítulo 2 dos versículos 38 ao 47 na Nova Versão Transformadora, temos o relato de um discurso de Pedro pouco depois da ascensão de Jesus aos céus, denunciando o pecado dos ouvintes, os quais foram constrangidos com profundo arrependimento: Pedro respondeu: "Vocês devem se arrepender, para o perdão de seus pecados, e cada um deve ser batizado em nome de Jesus Cristo. Então receberão a dádiva do Espírito Santo. Essa promessa é para vocês, para seus filhos e para os que estão longe, isto é, para todos que forem chamados pelo Senhor, nosso Deus. Pedro continuou a pregar, advertindo

Conclusão:

Este estudo permitiu compreender que a obra do Reino de Deus, segundo a perspectiva apresentada nas escrituras e nas reflexões teológicas analisadas, não se limita às atividades desenvolvidas no interior das instituições religiosas, mas se concretiza principalmente na prática cotidiana da fé e nas relações humanas. A pesquisa evidenciou que o anúncio de Jesus acerca do Reino de Deus propõe uma transformação profunda da vida, fundamentada em valores como amor, justiça, solidariedade, compaixão e serviço ao próximo.

A análise da vida pública de Jesus demonstrou que sua missão esteve diretamente voltada ao cuidado com os enfermos, marginalizados e necessitados, revelando que a verdadeira experiência cristã ultrapassa o cumprimento de práticas religiosas formais e institucionais. Nesse sentido, o estudo problematizou a concepção restrita de muitos cristãos que associam a obra de Deus exclusivamente à participação em cultos, ministérios e tarefas dentro da congregação, desconsiderando a ampla dimensão da prática territorial e social do evangelho.

Além disso, verificou-se que o Reino de Deus, conforme anunciado por Jesus, exige mudança de mentalidade e compromisso ético com a transformação da sociedade. A igreja, embora exerça importante papel espiritual e comunitário, necessita manter constante postura de autocrítica e renovação, a fim de não reduzir a vivência do evangelho a estruturas religiosas ou atividades organizacionais desvinculadas da essência da mensagem cristã.

Dessa forma, conclui-se que fazer a obra do Reino de Deus significa manifestar os ensinamentos de Cristo por meio das atitudes diárias, do respeito à dignidade humana e da promoção de relações pautadas no amor e na justiça. Assim, a presença do Reino de Deus torna-se visível não apenas nos espaços religiosos, mas sobretudo na vivência concreta da fé, capaz de produzir transformação pessoal, social e espiritual no mundo em que vivemos.

com insistência a seus ouvintes: ‘Salvem-se desta geração corrompida’! Os que acreditaram nas palavras de Pedro foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Todos se dedicavam de coração ao ensino dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão e à oração. Havia em todos eles um profundo temor, e os apóstolos realizavam muitos sinais e maravilhas. Os que criam se reuniam num só lugar e compartilhavam tudo que possuíam. Vendiam propriedades e bens e repartiam o dinheiro com os necessitados, adoravam juntos no templo diariamente, reuniam-se nos lares para comer e partiam o pão com grande alegria e generosidade, sempre louvando a Deus e desfrutando a simpatia de todo o povo. E, a cada dia, o Senhor lhes acrescentava aqueles que iam sendo salvos.

Referências Bibliográficas.

- Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora: letra grande. 1ª edição. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder. Ensaio de eclesiologia militante.** Edição revista, 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- BONHOEFFER, Dietrich. **A comunhão dos Santos: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja.** Tradução Nelio Schneider. São Leopoldo: sinodal 2017.
- CASTILLO, José M. **A Ética de Cristo.** Tradução Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2010.
- CASTILLO, José M. **Declínio da religião e futuro do evangelho.** Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.
- CUNHA, Maurício. **O Reino de Deus e a transformação social: fundamentos, princípios e ferramentas.** Viçosa, Minas Gerais: editora Ultimato, 2018.
- GESCHÉ, Adolphe. **O Cristo.** Tradução Carlos Felício da Silveira. São Paulo: Paulinas, 2004.
- COMER, John Mark. **Praticando o caminho.** Tradução Elissamai Bauleo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2025.
- PADILLA, C. René. **Missão integral: o Reino de Deus e a igreja.** Tradução Emil Albert Sobottka, Wagner Guimarães. Viçosa, Minas Gerais: editora Ultimato, 2014.
- PAGOLA, José Antônio. **Recuperar o projeto de Jesus.** Tradução de Oscar Ruben Lopez Maldonado. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- PAGOLA, José Antônio. **Jesus aproximação histórica.** Tradução de Gentil Avelino Tilton. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a missão da igreja.** Curitiba: A.D. Santos Editora, 2018.
- RUBIO, Afonso Garcia. **Antropologia Teológica. Salvação cristã: salvos de quê e para quê?** 7ª edição. Ed. Petrópolis, Rj: Vozes, 2019.
- RUBIO, Afonso Garcia. **Unidade na Pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs** 2ª. Ed. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SOUZA, Nilson Levi Zalewski de. Dissertação de Mestrado. **Religião e desenvolvimento: uma análise da influência do catolicismo e protestantismo no desenvolvimento econômico da Europa e América.** Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3940> (Acesso em 14 maio de 2026 às 20:35).

ZÁGARI, Maurício (org.) **Uma nova reforma: após 500 anos, o que ainda precisa mudar?** 1ª edição. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

VATICANO. Gaudium et Spes. **CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES SOBRE A IGREJA NO MUNDO ACTUAL.** Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html (Acesso em 04 abril de 2026 às 13:59).